
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA, HISTÓRIA E MEMÓRIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOITE DOS CRISTAIS

Fabiana Francisco Tibério (UEL)
fabianatiberio@hotmail.com

RESUMO: A relativização da história e a necessidade de visitá-la criticamente levaram à elaboração de romances nos quais a fronteira entre a narrativa ficcional e a histórica se mesclam, resultando em textos nos quais não há uma verdade única, mas sim verdades “no plural”. É o caso de *A noite dos cristais*, romance de Luis Carlos de Santana, cujo pseudônimo, Luis Fulano de Tal, deixa antever o teor crítico de sua escrita. Dialogando com o presente, o autor busca no passado, mais precisamente na Revolta dos Malês, revolta de escravos ocorrida na Bahia em 1835, o mote de uma narrativa que mostra a trajetória de homens negros lutando por voz e lugar.

PALAVRAS-CHAVES: literatura afro-brasileira; história; memória; Revolta dos Malês.

A relação entre história e literatura está no cerne dos debates atuais, cujas reflexões tem conduzido a uma reavaliação acerca da realidade e das verdades absolutas instituídas pela razão iluminista. Embora para alguns conservadores isso tenha levado o homem e a sociedade a um desequilíbrio, tais rupturas foram positivas, pois através da contestação dos antigos paradigmas, foi possível entender a literatura e a história como discursos que, como tal, estão sujeitos à subjetividade de quem os elabora. A relativização da história e a necessidade de visitá-la “de modo não inocente” (Eco 1985) levaram à elaboração de romances nos quais a fronteira entre a narrativa ficcional e a histórica se mesclam, resultando em textos nos quais não há uma verdade única, mas sim verdades “no plural” (Hutcheon 1991: 146).

Entretanto, há que se ter em mente que tais conceitos não impedem que muitas “verdades” construídas pela historiografia e pela literatura ainda se mantenham inalteradas. Da mesma forma, é preciso lembrar que muitas vozes foram silenciadas

na construção desses discursos, vozes que, no entanto, tem tentado se impor nas últimas décadas.

A história oficial é contada pela ótica dos vencedores, assim como o cânone literário elege e imortaliza alguns autores de acordo com os preceitos da elite dominante. Pensemos tal situação no contexto brasileiro, cujas bases estão em uma cultura que é ocidental, branca e masculina. Nesse contexto, ficam à margem os sujeitos que não se encaixam nos padrões estabelecidos: o pobre, a mulher, o negro e outras “minorias”. É sobre o discurso dessas chamadas “minorias”, mais especificamente sobre o discurso do negro, que pretendemos tratar neste texto.

Começaremos lembrando, muito brevemente, a presença do negro na literatura brasileira. Como bem nos aponta Conceição Evaristo em entrevista datada de 2007, o negro sempre esteve presente em nossa literatura. A mulher negra, por exemplo, é personagem constante: está nos poemas de Gregório de Matos e na idealizada escrava Isaura, na pele da sensual Rita Baiana, na animalidade de Bertoleza, em Gabriela e na Fulô de Jorge de Lima. Nos mesmos moldes aparece o homem negro: é forte (para o trabalho), lascivo (não possui intelecto, só físico), servil (fiel ao seu senhor, a quem geralmente é grato), mudo (não tem discurso). Não é nosso intento discorrer sobre esses personagens, mas salientar a posição que eles ocuparam na literatura brasileira “canônica”, ou seja, não como sujeitos de seu discurso, mas como objetos do discurso do outro.

A história, por sua vez, serviu durante muito tempo para ratificar tais conceitos. Não é preciso procurar muito para encontrar exemplos: basta observar como os livros didáticos de história abordam temas como as revoltas de escravos, o período escravocrata e a abolição da escravatura. Observando duas coleções enviadas às escolas públicas em 2008 pelo PNL (Programa Nacional do Livro Didático), é possível perceber diante do volume de conteúdos e das páginas que tratam das questões citadas, que a atuação do negro fica reservada a um espaço exímio e sua participação na história brasileira, assim como na literatura, aparece fortemente vinculada a um ponto de vista etnocêntrico, a exemplo de afirmações como a que segue:

De modo geral, os antigos escravos não foram integrados no mundo do consumo para dinamizar o mercado, como pensam alguns historiadores. Quando se empregavam, trabalhavam durante alguns dias, apenas o suficiente para a sobrevivência. Nada mais lógico, pois para eles o trabalho significava a lembrança de séculos de submissão e desgraça. Preferiam o ócio. Isso dificultou ainda mais sua integração social, pois ficaram à margem dos bens que a sociedade produzia. (Rezende 2005: 344)

A leitura do trecho acima nos permite pensar que os negros ficaram à margem da sociedade por opção. De seu ângulo de visão, o historiador generaliza o comportamento citado, fazendo dele uma regra seguida por “quase” todos os ex-escravos, como fica explícito no “de modo geral” com o qual inicia seu discurso.

De acordo com o historiador João José Reis, a relação do africano (escravo ou liberto) com o trabalho pode ser descrita sob outro ponto de vista. O autor explica que os africanos tinham um conceito diferente sobre as relações de trabalho. De modo que, apesar do sistema mercantil, o trabalho africano “seguiu o ritmo de tarefas a serem cumpridas, não sendo fundamental a marcação do tempo.” (Reis 1986: 201). O africano, portanto, ao contrário da lógica capitalista, trabalhava somente pelo tempo necessário para cumprir suas atividades, ao contrário do trabalhador da fábrica, que possui horário fixo de entrada e saída do local de trabalho.

O exemplo dado acima, acerca de como a história se escreve a partir dos olhos de quem a vê, nos leva a pensar que, para que seja possível ao homem moderno ter acesso às várias versões dos fatos passados, é preciso que se retome o discurso histórico a fim de que, diversificando o olhar, multipliquem-se as perspectivas. Retomar o passado criticamente é uma das propostas da literatura afro-brasileira. Indo na contramão da história, os autores afro-descendentes, que não tem compromisso algum com o poder instituído, lançam mão de uma estratégia que já se tornou uma tradição no discurso literário afro-brasileiro: a reconstrução do passado através da memória.

Em seu artigo “Literatura e Afro-descendência” (2005), Eduardo de Assis Duarte defende que a produção literária de autoria afro-descendente está presente no Brasil desde o séc. XVIII. Entretanto, essa produção teve sua divulgação dificultada através de estratégias que vão desde o branqueamento de escritores negros ou mulatos, como é o caso de Machado de Assis, até as dificuldades de editoração. Este quadro compõe o perfil da literatura afro-brasileira: uma *literatura silenciosa* “que está ausente dos espaços literários legitimados, mas que ao mesmo tempo, insinua-se como uma presença em potencial” (Pereira 2002: 42).

Embora tenha havido alguma evolução nas últimas décadas, “motivada pela emergência de novos sujeitos sociais, que reivindicam a incorporação de territórios discursivos antes relegados ao silêncio” (Duarte 2005: 2), os obstáculos que se impõem a autores e obras ainda fazem como que a literatura afro-brasileira, mesmo nos dias atuais, seja constituída em sua grande maioria por produções independentes, custeadas pelo próprio autor ou por um grupo de autores, como é o caso dos Cadernos Negros.

Foi nesse contexto um tanto pedregoso que surgiu, em 1999, a novela *A noite dos cristais*. Luis Carlos de Santana é uma dessas vozes que apesar das dificuldades encontradas conseguiu trazer ao público alguns fatos da história vistos de outro ângulo. Note-se, já de início, a ousadia do escritor na escolha do nome com o qual assina seu livro: Luis *Fulano de Tal*. Ao adotar essa expressão de teor impreciso, o autor brinca com questões sérias, pois dilui a autoria da obra e traz à tona uma das preocupações do intelectual afro-descendente: a questão da identidade. A provocação, aliás, é dupla: o autor chama a atenção para a obscuridade relegada ao afro-descendente, ironizando-a, e ao mesmo tempo leva o leitor a questionar a quem pertence a voz do texto, já que “fulano de tal” pode ser qualquer um (em meio a tantos em igual condição de anonimato).

Na nota de apresentação da obra o autor se insere na “Associação dos Ilustríssimos Escritores Desconhecidos”, criada por ele, em um texto mordaz no qual declara que para conseguir ter seu livro editado foi preciso investir até o que não tinha: “batendo portadas; inteirei, emprestei, assinei, disse e prometi”, diz. O autor confessa que buscou as editoras comerciais e, face às reiteradas negativas, procurou a editora da USP, porém ela “não patrocina escrivinhação nem garatujas acadêmicas” e que nem mesmo a crítica favorável recebida dos “mestres”, entre os quais Mary del Priore, Wilson do Nascimento Barbosa, Pierre Verger, Oswaldo de Camargo, Alfredo Bosi e Benjamin Abdala Jr., garantiu uma publicação. São dificuldades que motivam a declaração do professor de que “se a opinião dessa plêiade pouco ou nada significa, fechemos a Universidade, vamos para casa e o último apague a luz” (Santana 1996).

As portas fechadas não esmoreceram a vontade do autor, que conseguiu bancar cinco edições do livro. Quatro anos se passaram desde a escrita do texto, em 1995, à edição profissional, em 1999. Duro caminho percorrido para ter seu “rebento” nas mãos dos leitores! Talvez as lembranças desse percurso tenham se juntado a outras tantas experiências de vida e motivado o professor a enfrentar o desafio expresso na epígrafe da obra: “só de raiva escrevo com amor”.

A “raiva” declarada pelo autor, embora atenuada pelo “amor”, é um dos sentimentos que movem a escrita de muitos autores afro-brasileiros. O fato de ser uma literatura cujo compromisso é denunciar a opressão e a discriminação, fez com que as questões ideológicas muitas vezes se impusessem sobre a preocupação com a estética, resultando em textos de alto teor panfletário ou didático. Esse problema tem que ser considerado na análise de *A noite dos cristais*, já que o autor, além de claramente adotar a postura literária militante, é também professor de história, profundamente envolvido no ambiente acadêmico.

A novela *A noite dos cristais* gira em torno da Revolta dos Malês, rebelião acontecida na Bahia em 1835. A temática é a mesma utilizada por Ana Maria Gonçalves, no romance *Um defeito de cor*, publicado em 2006. A Revolta dos Malês foi uma das muitas rebeliões acontecidas na Bahia, estado onde os escravos “tornaram-se famosos por sua rebeldia” (Reis 1986: 64). A insubmissão destes escravos “criou uma tradição de audácia que impregnaria as relações escravistas e étnicas na Bahia” (Reis 1986: 65). A Revolta dos Malês estaria, portanto, dando continuidade a uma tradição de rebeliões.

Em *A noite dos cristais* tem-se a recuperação de um fato histórico relevante, pois a narrativa aborda uma das rebeliões escravas mais significativas da história brasileira. Entretanto, apesar da minuciosa investigação histórica (demonstrada pelas referências a documentos da revolta), o autor reescreve esses acontecimentos a partir de um viés étnico e cultural, privilegiando a visão do vencido, inserindo no texto a voz do negro escravo que passa a contar os fatos a partir do seu olhar.

O narrador em primeira pessoa é um professor, assim como o autor. Ele viaja até a Guiana Francesa, a fim de aprender francês. Já na capital da Guiana, o narrador, cujo sobrenome coincidentemente é Santana, encontra os manuscritos de Gonçalves

Santanna, um negro que vivera na Bahia na época da escravidão e que fugira para Caiena. Antes mesmo de começar a desvendar o manuscrito aos olhos do leitor, o narrador afirma:

Não tenho mais os papéis comigo, foram tirados de mim por circunstâncias alheias à minha vontade. Tentarei reproduzir com exatidão tudo o que li, algumas passagens são produto do que a leitura reteve, outras, a maioria, correm por conta da imaginação.

Assim, quem os ler poderá também fazer uma releitura a seu gosto. (21¹)

A estratégia de inserir o manuscrito na narrativa demonstra algumas preocupações do autor. Primeiramente, a preocupação com o fazer literário. Ao lançar mão do artifício do manuscrito, antiga estratégia romanesca, o autor nos mostra que, mais que retomar uma parte da história, seu texto é ficção e como tal foi elaborado. Além disso, o manuscrito garante ao relato um tom testemunhal, visto que as verdades do texto são contadas por alguém que supostamente vivenciou aquele período da história. Mesmo assim, o narrador previne o leitor de que a narrativa tem muito de imaginação, e sugere a ele que faça também sua releitura, para que assim a discussão sobre tais fatos históricos se mantenha viva e possa partir de versões além daquela oficialmente disseminada.

Gonçalo começa a contar sua história. Filho de negros libertos, vivia com os pais e a avó “nagô e velha como o passado” (22). O pai, Amaro, era da nação haussá, comprara sua alforria após décadas de trabalho e agora era tipógrafo. A mãe, Flora, era vendedora de comida feita. O pai de Gonçalo, instruído no Alcorão, era um malê. De acordo com Reis (115), vários historiadores elaboraram teorias para explicar o significado do termo “malê”, entretanto, ele afirma que a explicação mais sensata é a de Pierre Verger, que associou o termo malê a *imale*, uma expressão iorubá que quer dizer “islã” ou “muçulmano”. O negro Amaro fazia questão de ler todos os dias para o filho e insistia com ele para que estudasse, pois acreditava que “só o conhecimento liberta” (23). De acordo com Reis “Os malês se reuniam para orar, aprender a ler e escrever o árabe e decorar versos do Alcorão” (1986: 127). Havia uma grande preocupação em educar os mais jovens na religião muçulmana: “Os malês que sabiam ler e escrever o árabe, fossem escravos ou libertos, passavam seus conhecimentos para outros” (Reis 1986: 125). As crenças religiosas, aliadas às sofisticadas formas de comunicação entre os malês, certamente colaboraram na organização da rebelião.

O narrador Gonçalo irá relatar a participação do pai nos acontecimentos da noite de 25 de janeiro de 1835. Entretanto, ao contar os fatos, o narrador faz um desenho da vida dos negros escravos e libertos, ao reconstruir, através da memória, os costumes, as roupas, os trabalhos exercidos, as crenças, a culinária, as lembranças de África, a chegada dos navios de escravos, além de perturbadoras cenas sobre a escolha dos escravos quando chegavam à Bahia. Das lembranças do narrador aos preenchi-

1 NOTA BENE - Todas as referências ao romance serão feitas com a documentação da página, referindo-se à edição de 1999, tendo Luís Fulano de Tal como autor.

mentos feitos pelo autor “com a imaginação”, surgem cenas contundentes em que a história se mistura à memória:

Tomavam de uma peça e perscrutavam, entreabriam beijos, sentiam bafos e contavam dentes. Sabiam alguns dialetos e línguas e quando podiam perguntavam a idade, nação e local de origem. Analisavam marcas tribais nas costas, peitos e ombros, ventres, bundas, coxas e pés.

Nas mulheres, pegavam em seus peitos, arreganhavam nádegas, apalpavam ventres (grávidas eram mais caras) e fungavam seus sexos, soltando gritinhos exorbitantes (as virgens eram disputadíssimas) acompanhados de piscadelas aos interessados que assistiam à verificação.

Nos homens pegavam em seus membros, torciam e apalpavam tocando os escrotos para provocar ereção. (36)

Da mesma maneira, há a descrição das cenas de violência contra os escravos, assistidos pelo menino. O pelourinho, hoje lugar turístico, era palco de suplícios:

Nesse ínterim, o feitor, ao pé de si, entre variada quantidade de chicotes, escolhia aquele que estivesse com o sangue mais sequinho – *questão de prática*. Escolheu, espantou as varejeiras cintilantes, flexionou a ferramenta, jogou a perna para trás, ergueu o braço esquerdo – *questão de estilo*, e ouviu:

— Arreio, Mão de Onça! Tlá... tlá... tlá...

(43 - grifo meu)

Impossível não perceber nessa cena um dialogismo de vozes: ao relato de Gonçalo se alia uma voz irônica, cujo sarcasmo denuncia a teatralização do carrasco ante sua platéia, constituída pelo dono do escravo, que lhe dá as ordens, e pelos passantes, dentre eles o menino Gonçalo.

As referências a uma ancestralidade africana também produzem cenas em que o leitor pode perceber traços dessa cultura que, submetida à cultura do branco, não se apaga totalmente, mas se mistura, buscando disfarces, e se mantém, mesmo sendo alvo de perseguições. Flora Maria, mãe de Gonçalo, negra forra de “nome cristão”, simboliza a resistência ao apagamento das crenças recebidas de sua mãe, Ombutchê: “Influenciada por minha avó Ombutchê, sabia o nome e o dia de cada deus africano: na segunda, Exú-Omolú; na terça, Oxumaré; na quarta, Xangô-Yansãm; na quinta, Oxóssi-Ogum; na sexta, Obatalá; no sábado, Oxum; e no domingo... no domingo a minha cidade era São Salvador da Bahia de Todos os Santos” (29).

Em outra cena, a mãe leva o menino ao terreiro, pois uma amiga lhe dissera que a criança estava com quebrante. O lugar era longínquo, mostrando o status marginalizado ao qual a religiosidade africana estava (e ainda está) relegada. Quando já estão na presença da anciã, a sessão é interrompida, pois chegam os “milicos”, invadindo tudo:

Em fuga içado por minha mãe quando olhei para trás e vi a anciã ainda em torpor, tomando varadas dos milicianos.

Chegamos em casa na boca da noite.

Duas noites depois meu pai lia nos jornais que um grupo de africanos fora preso por praticarem rituais de magia em local retirado no Engenho Velho.

(76)

A descrição do terreiro e de seus frequentadores é algo de muito novo na literatura brasileira: em quantos outros romances é mostrado um terreiro? E que olhares se tem para essa manifestação da religiosidade afro-brasileira nessas obras? Esta talvez uma das características mais positivas de *A noite dos cristais*: ao descrever os fatos com um sentimento íntimo, o quadro se torna mais verossímil e o elemento africano aparece menos estereotipado. Desse modo, as certezas acerca de como o negro “a princípio é” ou “deve ser”, se abalam quando o leitor se depara com personagens como os malês, que ao contrário do modelo construído do africano e do afro-descendente, não estão ligadas a nenhum culto de raiz africana, mas surgem vestindo o abadá e pregando a religião islâmica.

A narrativa deixa claro que embora a Bahia fosse “de todos os santos”, as perseguições religiosas eram frequentes, e isso não era privilégio dos cultos de origem africana: os muçulmanos também eram perseguidos, pois eram vistos como desordeiros. De fato, o comportamento “arruaceiro” dos malês se confirmaria na noite de 25 de janeiro de 1835: munidos de algumas armas de fogo e de muitas armas brancas, como espadas e punhais, os revoltosos partiram para cima das autoridades, tentando tomar o controle da cidade. O cunho político do levante se revela pelas ações dos grupos: “eles não apelaram para a violência indiscriminada” (Reis 1986: 105), e não depredaram a propriedade privada ou atacaram os brancos civis, tendo voltado os ataques apenas contra os soldados incumbidos de impedi-los.

Entretanto, o projeto do malês não foi em sucedido: antes mesmo que o horário marcado chegasse, uma reunião na qual se encontravam alguns líderes do movimento, como Manuel Calafate e possivelmente o nagô Ahuna, foi interrompida pelas autoridades baianas, graças a uma denúncia feita pela liberta Guilhermina Rosa de Souza. O flagrante obrigou os insurgentes a iniciar o ataque antes do combinado, levando à fragmentação dos rebeldes, que acabaram sendo derrotados. Não se sabe ao certo quantos homens (e mulheres) aderiram ao levante. Segundo João José Reis, muitos optaram por não participar e outros desistiram quando saíram para a rua e viram a violência dos confrontos (1986: 116).

Nesse ponto a memória ficcional se mescla à história oficial. Na ficção, o pai de Gonçalves, o haussá Amaro, é convocado para a rebelião, mas resolve não aderir, pois acreditava que era necessário que os africanos aprendessem a viver no Brasil, já que não poderiam voltar à África. Apesar disso, Amaro é preso, pois as autoridades empreendem uma longa perseguição contra os insurgentes e pessoas possivelmente ligadas a eles. Essa busca leva a polícia até a casa do tipógrafo, onde são encontrados papéis com escrita árabe, cuja existência seria uma prova da participação do haussá no movimento.

As penas aplicadas aos rebeldes variaram desde a morte até o castigo com açoites. Alguns recorreram das sentenças e foram deportados de volta à África, o que demonstra que a luta não foi vã. É o que acontece com os pais de Gonçalo, que são mandados de volta ao continente africano, deixando o menino sozinho. Gonçalo é vendido como escravo para indenizar o império por perdas e danos. Inicia-se assim sua diáspora: de Salvador ele é levado a Pernambuco, onde permanece por muitos anos. O deslocamento de Gonçalo possibilita uma visão da situação do escravo nas áreas rurais, onde não havia a mesma mobilidade que a vida urbana proporcionava. É na fazenda que o rapaz conhece o chicote, a corrente e a bola de ferro nos pés.

Através dos seus conhecimentos de leitura e escrita Gonçalo conseguirá um ofício menos custoso e que permitirá sua fuga. Juntamente com outros negros, ele foge de barco até chegar a Caiena, onde se estabelecerá até o fim de sua vida, longe de sua terra, homem em eterna diáspora. Tal e qual os velhos griots africanos, Gonçalo termina seus dias contando suas histórias em uma roda na qual estão seus netos: reitera-se aqui a importância da memória como forma de não deixar a história do povo africano cair no esquecimento.

Permeando as memórias de Gonçalo, o narrador-professor retoma a narrativa e vai inserindo nela a sua própria história. Durante sua permanência em Caiena, e enquanto procura organizar o manuscrito, o professor conhece Louise, moça bonita, vinda da França. Através de seus diálogos com ela, fica patente que a condição do negro pouco mudou de 1835 aos dias de hoje, visto que a concepção da francesa sobre o negro é estereotipada e repleta de preconceitos:

—Você já havia feito amor com uma branca?

— Sim, já.

— E qual a diferença?

— É que vocês tem o cabelo liso.

Perguntei o mesmo. Disse que não, que tinha desejos, mas as convenções não permitiam.

—E também porque negro tem fama de ter o sexo muito grande.

— Agora você já sabe que não! (112)

No discurso de Louise, moça europeia, branca e rica, o relacionamento com o professor é, no mínimo, exótico. É o envolvimento com ela que o leva a perder os manuscritos de Gonçalo. O pai da moça, político importante, descobre que eles estão saindo juntos. A fim de afastá-lo de sua filha, o figurão ordena que a “polícia” (na verdade alguns capangas) prenda o rapaz. Ele é interrogado, acusado de ser um espião enviado por uma organização árabe e de ter se aproximado de Louise para chegar até o pai dela. A história se repete e o narrador compartilha a mesma sina dos pais de Gonçalo: acusado de algo que não fez, fica à mercê de uma justiça que é manipulada pelos poderosos e também é “deportado” de volta à sua terra.

Embora o destino do personagem deixe claro que a realidade do afro-brasileiro se manteve praticamente inalterada, a atitude do personagem de “botar tudo no

papel antes que esquecesse” (119), assim como a escrita de Luis Carlos de Santana, demonstra que a voz desses e de outros *fulanos* quer ecoar e que, apesar das pedras no caminho, essas histórias-memórias chegarão até nós. Que possamos ouvi-las e aprender com elas.

OBRAS CITADAS

DUARTE, Eduardo de Assis. 2005. “Literatura e afro-descendência”. *Portal Literafro*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/conceituacao.htm>. Acesso em 08 de julho de 2009.

ECO, Umberto. 1985. *Pós-escrito ao Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

“Entrevista com Conceição Evaristo”. 2007. *Boletim PPCOR* 31 (abr-mai): . Disponível em <http://www.lpp-uerj.net/olped/acoesafirmativas/boletim/31/entrevista.htm>. Acesso em dez. 2008.

HUTCHEON, Linda. 1991. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. 2002. “Cantopoemas: uma literatura silenciosa no Brasil”. In *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: PUC Minas: Mazza.

REIS, João José. 1986. *Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*. São Paulo: Brasiliense.

REZENDE, Antonio Paulo. 2005. *Rumos da História: história geral e do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Atual.

SANTANA, Luís Carlos de. *No universo da cultura o centro está em toda a parte*. Disponível em http://www.subcultura.org/index.php?option=com_content&view=category&id=176:luis-fulano-de-tal&Itemid=4606. Acesso em 11 de julho de 2009.

TAL, Luís Fulano de (Luís Carlos de Santana). 1999. *A noite dos cristais*. São Paulo: Ed. 34.

AFRICAN-BRAZILIAN LITERATURE, HISTORY AND MEMORY: SOME THOUGHTS ABOUT *A NOITE DOS CRISTAIS*

ABSTRACT: The reduced importance of History and the need of visiting it critically have produced novels in which the line between fictional and historical narrative are mixed, resulting in texts in which there is no single truth, but truths “in plural”. It is the case of “The Night of Crystals”, a novel by Luis Carlos Santana, whose pseudonym, Luis Fulano de Tal, indicates the critical content of his writing. By engaging in this with the present, the author seeks in the past, specifically in the Malês Revolt (a slave revolt that took place in Bahia in 1835) the theme of a narrative that shows the trajectory of black men fighting for voice and place.

KEYWORDS: African-Brazilian literature; History; memory; The “Malês” Revolt.

Recebido em 15 de outubro de 2009; aprovado em 29 de dezembro de 2009.